

## A obra poética de Lila Ripoll

Maria Cristina Müller da Silva<sup>1</sup>, UCS  
[mcmsilva@ucs.br](mailto:mcmsilva@ucs.br)

### Lila Ripoll

Poeta, professora, pianista, tradutora e militante comunista, nasceu no dia 12 de agosto de 1905 em Quaraí e faleceu em Porto Alegre no dia 7 de fevereiro de 1967, vítima de câncer. Em 1938 Lila Ripoll (LR) estreia com o livro *De mãos postas*, editado pela Livraria do Globo, de Barcellos, Bertaso e Cia. Em 1941, a poeta publica *Céu vazio*, também pela Livraria do Globo e recebe em 1943 o Prêmio Olavo Bilac da Academia Brasileira de Letras. Lila marca sua presença também na imprensa gaúcha e suas poesias tornam-se frequentes em grandes periódicos: *Correio do Povo*, *Diário de Notícias*, *Revista do Globo*, *Província de São Pedro*, *A Tribuna Gaúcha*, *A Leitura*, *Horizonte*, *Partidários da Paz* e *Dom Casmurro* (RJ). Seu terceiro livro surge em 1947, com o título *Por quê?*, não recebendo grande atenção da crítica como das outras vezes. Em 1951 publica três livros em Cadernos da Horizonte: *Novos Poemas*, do qual recebe o Prêmio Pablo Neruda da Paz, três anos depois publica *Primeiro de Maio*, protesto pelo massacre ocorrido nesta data em Rio Grande, e completa a trilogia com *Poemas e Canções*, em 1957, marcando sua poesia com temática social. A primeira e única incursão de LR no gênero teatral ocorre em 1958, com a peça *Um Colar de Vidro*, apresentada no Theatro São Pedro no mês de outubro. Alguns anos mais tarde, em 1961, é editado pela Leitura, do Rio de Janeiro, *O Coração Descoberto*, último livro a ser publicado por ela e que, na opinião da crítica, é o seu melhor livro. Mesmo doente, conclui *Águas móveis*, em 1965, livro que permanece inédito, inserido na *Antologia Poética*, por Walmyr Ayala, publicada dois dias antes do falecimento da poeta.

### Manifestações do sagrado na poesia de Lila Ripoll

O sagrado ocupa um lugar de destaque na obra poética de Lila Ripoll<sup>2</sup>. Por um lado, percebe-se em seus poemas o conflito do eu poético, que ora afirma a força dos elementos do campo do sagrado, ora rejeita-os, questionando-os. Esse questionamento dirige-se principalmente a representações do divino que remetem ao cerceamento das suas ações enquanto ser humano. Por outro lado, observa-se que o sujeito lírico deseja tornar sagrados momentos, lugares e pessoas, subvertendo a noção de que o sagrado refira-se apenas às imagens ligadas à religiosidade. Assim, o

---

<sup>1</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul (UCS) – RS.

<sup>2</sup> Todos os poemas foram retirados de: RIPOLL, Lila. *Lila Ripoll: obra completa*. Organização Alice Campos Moreira. Porto Alegre: IEL / Movimento, 1998.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

olhar para a chuva ou o contato com determinada pessoa, por exemplo, pode converter-se em experiências epifânicas pelos sentimentos que despertam no sujeito.

No poema “Deus quis assim...”, a poeta questiona o significado contido no seu título:

**Deus quis assim...**

Não saberás quanto sofri,  
Nem saberás por que morri.

Mudei de vida e de pensar:  
- agora até sei enganar.

Olho serena para a frente  
e espero tudo indiferente.

Ninguém transforma a própria sorte:  
Deus quis assim... ele é mais forte!

Andei por todos os caminhos.  
Nada colhi. Trouxe os espinhos.

Se alguém tecesse uma coroa,  
eu era Santa, e pura, e boa.

Mas eu não quis. Pra que ser Santa?  
Sofre-se igual. Nada se adianta.

E uma coroa, com certeza,  
deve pesar mais que a pobreza.

E sendo Santa eu nem sequer  
podia ser uma Mulher.

Assim sem manto e sem altar  
meu coração pode pulsar.

Posso ter livre o pensamento,  
que é, quase sempre, o meu tormento.

Por mim ninguém esperará,  
nem o meu nome invocará.

Ninguém dirá que me pediu  
e que depois morreu de frio.

Assim sem manto e sem altar  
meu coração pode pulsar.

(1941, p. 78)

## Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul. Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.

No poema transcrito, percebe-se que a autora ironiza a força divina e/ou o poder de Deus de transformar e interferir na vida das pessoas. Nos primeiros versos, ela afirma que mudou de vida e de pensar, sabendo até enganar e, desse modo, nas linhas que seguem, ao dizer ironicamente que “ninguém transforma a própria sorte”, pois “Deus quis assim”, já está confirmando sua maneira de pensar em relação ao divino.

Algumas características textuais do verso “Deus quis assim... ele é mais forte!” chamam a atenção e poderiam justificar a existência de algo além do que está escrito. Primeiro, observa-se o uso das reticências, um sinal de pontuação que sugere a omissão de algo que poderia ser dito, mas que não o foi. Em seguida, o pronome pessoal “ele” está escrito com letra minúscula, quando, tradicionalmente, ao se referir a Deus costuma-se escrever com letra maiúscula. Esse emprego do pronome indica que o eu lírico não considera Deus como um ser superior, bom e poderoso, a ponto de receber seu respeito inclusive na escrita. O sinal de exclamação utilizado no final do verso também reforça a idéia da negação de um Deus poderoso e, por sua vez, indica de forma irônica, uma surpresa do sujeito diante do fato de Deus, e não ele, escolher o seu caminho.

Nos versos que seguem, há a confirmação e a resposta desse algo a mais presente no verso citado anteriormente, pois a poeta afirma que “não quis” ser santa, confirmando sua negação ao sagrado, ao ressaltar que não foi Deus e sim ela que quis assim, ou seja, foi ela que escolheu seu destino. E diante dessa escolha, questiona-se: “Pra que ser Santa?”. Para esse sujeito, não adianta ser Santa, uma vez que “sofre-se igual”, sendo santa ou mulher. As santas, conforme as religiões em geral, são pessoas que fazem o bem e agradam a Deus acima de tudo, e não pecar está intimamente ligado a isso, assim como no caso das mulheres, que devem se manter sem pecados, para que não sejam mal vistas e mal faladas pela sociedade patriarcal na qual Lila Ripoll escreve seus versos.

Nos versos “E sendo Santa eu nem sequer podia ser uma Mulher”, percebe-se uma crítica à imagem da mulher recatada e submissa que, ao ser comparada a uma santa, nem pode ser o que realmente é, uma mulher, ou seja, um ser que, pela sua condição humana comete erros durante sua vida. Para o cristianismo, estes erros são considerados pecados, pois todos possuem a liberdade de decidir diante de seus atos, agindo para o bem, isto é, para Deus, ou para o mal, no qual se manifestam os pecados. Nota-se também nesses versos que o substantivo mulher foi escrito com letra maiúscula para se tornar tão importante quanto a palavra santa, o que evidencia a dessacralização do divino e a sacralização da mulher. Mas, mesmo que a Mulher seja sacralizada, ela não deixará de ser uma mulher, um ser humano e, dessa maneira, não terá as responsabilidades de uma Santa, pois não precisará conter seus pensamentos, nem se preocupar se determinado pedido foi ou não atendido. Assim, sendo Mulher, o eu-poético sente-se livre para pensar, podendo

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

enganar, errar, duvidar e questionar, porque “sem manto e sem altar”, seu coração pode pulsar, isto é, pode viver como um ser humano.

Em “Que desejam de mim?...”, a poeta coloca em oposição o dever de crer e sua capacidade de pensar:

**Que desejam de mim?...**

Que desejam os mortos que eu amei?  
Que é que querem de mim? Por deus, que digam!  
Vêm sempre de noite e eu não sei  
por que deixam o mundo onde se abrigam...

Chegam todos em forma de lembranças...  
Não me deixam dormir, levam meu sono.  
Criam estados de desesperanças.  
Trazem idéias tristes de abandono...

Qual será a razão dessas visitas?  
Abro os olhos. Escuto. Quero ver...  
As insônias que tenho, são aflitas:  
pergunto e não consigo responder...

Os mistérios do além me preocupam.  
Às vezes creio em tudo! Às vezes, nada!  
Outros desses mistérios não se ocupam,  
mas eu vivo a pensar, desesperada!...

Daqui nada se leva, disse alguém.  
Renunciar, renunciar será viver?  
Não pecar será um mal ou será um bem?  
- Às vezes não pecamos por temer!... -

Afirmam outros grandes pensadores,  
que a vida não é aqui. Que a morte é a vida!  
Que diremos então das nossas dores?  
Das angústias que traz essa partida?...

Não sei, não sei. Ninguém quer responder.  
O silêncio dos mortos é um tormento.  
O céu fica impassível: - “Deves crer!”  
- Senhor! Por que nos deste o pensamento?... -

(1941, p. 82)

Nesse poema, o eu lírico apresenta-se em conflito em relação aos mistérios do além, ora acreditando, ora não acreditando nos preceitos da religião sobre a vida e a morte. A poeta tenta entender as visitas que recebe dos mortos que amou, que chegam durante a noite em forma de lembranças, e não a deixam dormir. Suas insônias são aflitas, pois pergunta a razão das visitas e não

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

consegue responder, vivendo em desespero pelo pensamento que a aflige e por não entender o porquê de tantas dores e angústias durante a vida e a partida.

De acordo com o pensamento religioso, existe uma vida após a morte, e durante a vida terrena deve-se evitar o pecado ao máximo, para que se tenha uma experiência aprazível no “outro lado”, ou quem sabe, na eternidade. O eu lírico questiona-se sobre a existência de um mundo além da vida e afirma que ora crê em tudo, ora não crê em nada. Ou seja, em alguns momentos acredita nos ensinamentos da religião e dos grandes pensadores, que afirmam que “a vida não é aqui” e “Que a morte é a vida!”. Porém, em outras ocasiões, não acredita nos ensinamentos em relação à vida e à morte, uma vez que suas dúvidas não são respondidas.

Ao se questionar se “renunciar será viver?” ou então “Não pecar será um mal ou será um bem?”, ela evidencia sua percepção de que a renúncia parece contrária à própria vida e que o pecado nem sempre é um mal. Ao colocar em dúvida os preceitos sobre a renúncia e o pecado, o poema sugere um questionamento das regras de conduta preconizadas pela religião.

Nos dois últimos versos do poema, reforça-se a inconformidade da poeta, que afirma que o céu fica insensível diante das emoções sentidas por ela, pronunciando apenas: “– Deves crer!”. Ela termina o poema, questionando novamente a figura divina: “– Senhor! Por que nos deste o pensamento?”, sugerindo que aquele que pensa não pode acreditar sem questionar. Pode-se dizer, nesse sentido, que a poesia de Lila Ripoll novamente dessacraliza a figura divina, pelo contestar dos seus desígnios transmitidos pelas religiões em geral.

Em “Ternura”, já não se observa um questionamento do divino, mas a sacralização do humano:

**Ternura**

Eu te amo com a ternura das mães  
que embalam os filhos pequeninos.  
E te amo sem desejos.

Perto de ti meus sentidos desaparecem.  
Meu corpo tem castidades de santa e de menina.

Quando falas nenhuma sombra se interpõe entre nós dois  
Fico presa à palavra de tua boca  
e à palavra de teus olhos.  
Nada existe fora de nós. Longe de nós...  
Tu és o Princípio e o Fim. O Tempo e o Espaço.  
Cada palavra tua mais espiritualiza  
o meu sentimento e a minha ternura.

Tenho vontade de que meus braços se transformem

num grande berço,  
para embalar teu sono de homem triste.

Nenhuma estrela brilha mais clara que os teus olhos  
na minha alma,  
e que a tua palavra no meu coração.

Nenhum homem foi amado com tanta pureza sem pecado,  
nem tanta adoração!

Nenhuma mulher vestiu de tanta castidade  
seu corpo e sua alma,  
para a tristeza de um amor que quer viver,  
e quer morrer.

(1941, p. 57)

Nos versos de “Ternura”, o eu lírico revela um amor pretensamente sem desejos por um homem a quem muito admira. Perto desse homem, os sentidos do eu poético desaparecem e seu corpo passa a abrigar “castidades de santa e de menina”. Ao afirmar que “Nada existe fora de nós. Longe de nós...”, o eu lírico sugere que não existe nada além deles, ou seja, não existe nenhuma força superior ou divina que não seja a desse sujeito e de seu interlocutor. O sujeito lírico afirma que esse homem a quem devota o seu amor é “o Princípio e o Fim”, “O Tempo e o Espaço”. Desse modo, atribui a este homem características que provêm do sagrado, sacralizando o humano, pois para o *homo religiosus*, o sagrado seria o princípio e o fim de toda a existência humana.

Mircea Eliade<sup>3</sup>, ao discorrer sobre o sagrado e o profano no mundo moderno, lembra-nos que:

Assim como a “Natureza” é o produto de uma secularização progressiva do Cosmos como obra de Deus, também o homem profano é o resultado de uma dessacralização da existência humana. Isto significa que o homem a-religioso se constitui por oposição a seu predecessor, esforçando-se por se “esvaziar” de toda religiosidade e de todo significado trans-humano (1992, p. 166).

Percebe-se no poema em análise uma certa oposição em relação às coisas sagradas, com a intenção de torná-las dessacralizadas e simultaneamente sacralizar o humano, uma vez que, segundo Eliade<sup>4</sup>, o homem nunca é completamente dessacralizado. Nos versos “Nenhuma estrela brilha mais clara que os teus olhos na minha alma, e que a tua palavra no meu coração” e “Nenhum homem foi amado com tanta pureza sem pecado, nem tanta adoração!”, nota-se que a sacralização do humano é reforçada, pois o sujeito da poesia exalta ao máximo esse humano do qual fala.

<sup>3</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

<sup>4</sup> ELIADE, Mircea. *Origens: história e sentido na religião*. Lisboa: Edições 70, 1989, p. 12.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

A imagem do eu feminino também é sacralizada, quando este afirma que “Nenhuma mulher vestiu de tanta castidade seu corpo e sua alma” para amá-lo, tornando o desejo do espírito muito mais relevante. Apesar da contestação das coisas relacionadas à religiosidade observada nos poemas anteriores, o eu feminino não se desprende por completo de alguns condicionamentos em relação ao seu comportamento enquanto mulher, fazendo questão de se mostrar “casta” e “pura”. Assim, embora sua poesia tenha um cunho subversivo no que se relaciona a certas imposições de comportamento, Lila Ripoll não faz uma poesia em que o eu poético discuta as questões relativas à sexualidade feminina.

No poema “Canção da Chuva”, observa-se, por um lado, a sacralização da chuva e, por outro, o questionamento de uma figura relacionada ao divino:

**Canção da Chuva**

Cai uma chuva tão fina  
que quase nem molha a gente.  
É uma música em surdina  
que apenas a alma sente.

Junto meu rosto à vidraça  
e olho a rua sem pensar.  
Fico em estado de graça,  
como quem vai comungar.

Senhora dos mundos vivos,  
Nossa Senhora da Vida,  
quantos dias negativos  
na minha estrada perdida!

Senhora tu não devias  
permitir tantos enganar.  
Há excesso de alegrias,  
e excesso de desenganos.

Por onde andaram meus passos  
vi sinais de desalentos.  
Vaguei por muitos espaços  
e senti todos os ventos.

Ventos do sul, vento norte,  
ventos do leste e do oeste,  
tão diversos como a sorte  
que tu, na vida, nos deste.  
Senhora dos mundos vivos,

Nossa Senhora da Vida —

quantos dias negativos  
na minha estrada perdida!

(1941, p. 74)

O sujeito-poético canta seu desejo de libertação, quando diz que olha “a rua sem pensar”, ficando em estado de graça, “como quem vai comungar”, ou seja, sente-se num estado de graça ao olhar a chuva fina na rua, comparando esse estado ao sentimento dos religiosos quando comungam. Nesse estado de graça, nota-se que o eu lírico fica sem questionar tal ato, comparando-se aos cristãos quando recebem a comunhão. Porém, o momento sagrado sentido pelo sujeito através da chuva fina que cai faz com que ele se ponha a pensar e a questionar a vida e seus desenganos.

Conforme Eliade<sup>5</sup>, a “Natureza sempre exprime algo que a transcende”, e nesse caso, a observação da chuva faz o sujeito transcender a mera observação pela vida e seus desencontros. Gaston Bachelard<sup>6</sup> ressalta a importância da água da chuva ao revelar que a chuva desperta um devaneio especial, pois em determinados momentos, os seres humanos comparam-se às plantas, precisando da água que vem do céu. Para este autor, a água do céu ou a fina chuva é uma fonte amiga e salutar que dá discretas lições para o ser.

Diante das divagações do sujeito poético, ele clama a uma Senhora dos mundos vivos, insinuando que não acredita em alguma santidade que não viva e/ou não faça parte do seu mundo. O próprio sujeito lírico cria a sua santa: uma Nossa Senhora da Vida, que se opõe à Nossa Senhora tradicional, sugerindo um conflito e uma não aceitação do sagrado nestes versos.

O eu lírico, inclusive, conversa com essa Nossa Senhora da Vida, e questiona os enganos dela, que por vezes permitem excesso de alegrias e também de desenganos. Nota-se nitidamente uma dessacralização nesses versos, uma vez que a sua Nossa Senhora comete enganos e esses são passíveis de questionamento por parte do sujeito poético, que é um ser humano. Nos versos seguintes, a dessacralização continua: “Por onde andaram meus passos vi sinais de desalentos”, confirmando seu julgamento a respeito das ações da Nossa Senhora da Vida. Dessa maneira, o sujeito compara a Nossa Senhora com os humanos, pois esta também comete erros e é avaliada por alguém que vive nesse mundo: “Senhora tu não devias permitir tantos enganos”.

Através da análise desses poemas, percebe-se um eu lírico que problematiza questões relativas ao feminino e ao sagrado, uma vez que questiona o sagrado / divino, sacraliza o humano e, simultaneamente, faz alusões à condição da mulher na sociedade. Como se pode observar, os poemas de Lila Ripoll vão além do questionamento da própria sociedade que usa a religião como

---

<sup>5</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 100.

<sup>6</sup> BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes; 1997, p. 161-2.

**Colóquio Internacional Gênero, Feminismos e Ditaduras no Cone Sul.  
Universidade Federal de Santa Catarina – de 4 a 7 de maio de 2009.**

um modo de induzir comportamentos, seja no que se refere ao papel social da mulher, seja no que diz respeito à capacidade de questionamento do ser humano. Contudo, a análise realizada não se esgota aqui, podendo ser revista e ampliada a partir de maior aprofundamento teórico sobre tais relações.